



# Todos somos animais: uma leitura de “Encontro no jardim”, de Astrid Cabral

## We are all animals: a reading of "Encontro no jardim", by Astrid Cabral

Ana Paula Cantarelli

<https://orcid.org/0000-0002-3813-7091>

**Resumo:** O presente trabalho é resultado de discussões sobre o livro *Jaula* (2006), de Astrid Cabral. Com o intuito de abordar a maneira como as relações entre homens e animais são representadas na referida obra, optei por, inicialmente, realizar um breve comentário sobre o conteúdo dos poemas que a constituem, discorrendo sobre o vínculo destes com o título da obra. A seguir, como ponto central do estudo, o poema “Encontro no jardim” foi posto em evidência através da identificação de elementos, em sua composição, que propiciam o encontro e o reconhecimento entre o animal humano e o animal não-humano.

**Palavras-chave:** *Jaula*; Astrid Cabral; Razão; Animalidade.

**Abstract:** This work is the result of discussions about the book *Jaula* (2006), by Astrid Cabral. In order to address the way in which the relationships between men and animals are represented in this work, I decided to initially comment briefly on the content of the poems that constitute it, discussing the link between them and the title of the work. Next, as a central point of the study, the poem "Encontro no jardim" was highlighted by the identification of elements, in their composition, that facilitate the encounter and recognition between the human and the nonhuman animal.

**Keywords:** *Jaula*; Astrid Cabral; Reason; Animalism.

## Considerações Iniciais: Abrindo a jaula

"O bicho é meu amigo" (CABRAL, 2006, p. 29)

*Jaula* (2006), de autoria da amazonense Astrid Cabral, composto por quarenta poemas e um conto, devido ao seu título, aciona no imaginário do leitor situações nas quais os animais encontram-se em cativeiro; afinal, na cultura ocidental, é comum o uso de jaulas para aprisionar animais, sejam eles pequenos como pássaros ou grandes como elefantes. Compostas por barras de diferentes materiais espaçadas entre si, nos deparamos com jaulas em diversos cenários: podem estar presentes em residências, mantendo animais considerados de estimação em cativeiro, como também podem estar em zoológicos, mantendo animais selvagens reclusos para exibição. Mas, o que faz o homem criar esse tipo de aparato? Como ele decide quais animais capturar? E, principalmente, por que o homem priva outros animais de suas liberdades?

Podemos associar a captura e o aprisionamento de um animal à forma como o homem o percebe em contraste com sua própria identidade. A tentativa de definir uma essência da animalidade e uma essência do humano, historicamente, deparou-se com limites tênues que, ambigualmente, mostraram-se incapazes de sustentar grandes oposições. Como aponta Dominique Lestel (2011, p. 36), todas nossas tentativas de diferenciação, todas as oposições criadas por nós ("natureza/razão; instinto/inteligência; instinto/intuição"; etc.) "são muito pouco convincentes". Apesar da dificuldade em promover separações efetivas entre humanos e animais, a estes, socialmente, é concedido o papel de uma outridade. Maciel (2016, p.11), em *Literatura e animalidade*, aponta para a radicalidade dessa outridade, identificando a dificuldade que o homem tem em compreendê-la:

Os animais, sob o olhar humano, são signos vivos daquilo que sempre escapa a nossa compreensão. Radicalmente outros, mas também nossos semelhantes, distantes e próximos de nós, eles nos fascinam ao mesmo tempo em que nos assombra e desafiam a nossa razão. Temidos, subjugados, amados, marginalizados, admirados, confinados, comidos, torturados, classificados, humanizados, eles não se deixam, paradoxalmente, capturar em sua alteridade radical.

A separação entre animais e humanos foi promovida, inicialmente, pelo cristianismo que associou a animalidade ao pecado, propagando a ideia de que o homem, para andar pelo caminho da igreja, necessitava rejeitar sua animalidade. Depois, na Modernidade, a razão

humana foi erigida como pedra fundamental da sociedade (PAZ, 1984). Apesar de os homens reconhecerem-se como animais, eles passaram a acrescentar a este termo o adjetivo "racional" como um diferenciador, fazendo com que, desde o início da Modernidade, sua forma de pensar e de perceber o mundo fosse tomada como soberana, em detrimento de qualquer outra forma de percepção que possa existir: "Afinal foi precisamente pela negação da animalidade que se forjou uma definição de humano ao longo dos séculos no mundo ocidental, não obstante a espécie humana seja, como se sabe, fundamentalmente animal" (MACIEL, 2016, p. 16). Como resultado, os animais, por não compartilharem da mesma racionalidade, foram desprezados. Embora a ferocidade do leão possa ser exaltada e a força do cavalo possa ser reconhecida, ao final, não dispor da racionalidade humana os converte em seres inferiores, conduzindo-os ao papel de animais domésticos ou de animais que podem ser exibidos em zoológicos.

No âmbito da filosofia ocidental, Michel de Montaigne despontou como um importante percussor do debate sobre a racionalidade. Em seu ensaio "Apologia de Raymond Sebond", o qual compõe o segundo volume de *Os Ensaíos*, publicado em 1580, ele questionou a razão ortodoxa empregada pelos humanos como critério diferenciador entre eles e os demais animais:

A presunção é a nossa doença natural e original. A mais calamitosa e frágil de todas as criaturas é o homem e ao mesmo tempo a mais orgulhosa. (...) É por vaidade dessa mesma imaginação que ele se iguala a Deus, que se atribui as características divinas, que seleciona a si mesmo e se separa da multidão das outras criaturas, divide em grupos os animais seus confrades e companheiros e distribui-lhes a porção de faculdades e de forças que bem lhe parece. Como conhece ele, por obra da inteligência, os movimentos internos e secretos dos animais? Por qual comparação entre eles e nós conclui sobre a estupidez que lhes atribui? (MONTAIGNE, 2006, p.181).

Em sua argumentação, Montaigne faz referências a atributos que são tidos como exclusivos do homem (habilidades matemáticas e linguagem, por exemplo) e que podem ser verificados, através de observação, também em outros animais, destacando nossa limitação em conhecer e julgar outros seres. Em seu ensaio, ele defende que diversos grupos de animais são capazes de demonstrar conhecimentos específicos mais apurados que os humanos, tornando infundada nossa pretensa superioridade. Mas, se a religião, a filosofia e a ciência promoveram e solidificaram fronteiras entre humanos e animais, qual o caminho para a realização de uma aproximação, de um processo de reconhecimento? Jacques Derrida, em *O animal que logo sou (A seguir)*, parece ter a resposta: a poesia. Segundo ele, a poesia tem a potencialidade de "passar as fronteiras entre o homem e o animal" (DERRIDA, 2002, p. 14).

Astrid Cabral, em *Jaula*, demonstra estar ciente desse poder da poesia. Ao longo do livro, ela

realiza um movimento de reconhecimento e de aproximação - o qual se intensifica com o passar dos poemas - através da apresentação de diferentes seres em contato com humanos, como, por exemplo, pássaros, tartarugas, elefantes, serpentes, peixes, cavalos, etc. Os poemas iniciais dialogam com uma tradição literária que se valia de características animais associadas a sentimentos humanos, expressando, através de metáforas, uma correspondência entre animais e humanos, como nos poemas "Cave Canem" ("Dentro de mim há cachorros/ que uivam em horas de raiva/ contra as jaulas da cortesia/ e as coleiras do bom senso" – CABRAL, 2006, p. 25) e "Onça sem pelo" ("Não é por conta do medo/ que não encaro de frente/ essa onça sem pelo./ Amoitada em mim/ não lhe vejo a cara./ Só vislumbro no espelho/ o rastro das patas" – CABRAL, 2006, p. 26). Tal tradição, ao realizar esse tipo de associação, apresenta o humano como permeado por sentimentos que eram associados aos animais (ódio, raiva, ferocidade, agressividade, entre outros) e que, por conseguinte, possuíam um traço não compatível com a racionalidade humana, o que lhes conferia um caráter negativo. Nos poemas iniciais, Cabral dialoga com essa tradição, mostrando-se ciente dela. Mas, seus sujeitos-líricos abandonam esse tipo de relação com o caminhar do livro, passando à construção de um ambiente onírico, no qual há um contato entre o eu-lírico e os animais, como nos poemas "Cavalos de sonho" ("Solto meus cavalos/ de sonho no hipódromo/ deserto e vago" – CABRAL, 2006, p. 30) e "Boiúna" ("Na preamar do meu sonho/ boia essa baita boiúna" – CABRAL, 2006, p. 43). Esse contato promove uma aproximação entre humano e animal, a qual, ao ocorrer no ambiente onírico, mostra-se ainda irreal, embora possa ser percebida como uma vontade a ser concretizada.

Na sequência do livro, encontramos poemas que manifestam o reconhecimento desse outro sujeito, desses tantos animais que compartilham o espaço com o humano. A percepção do outro se dá de forma respeitosa, mas, ao mesmo tempo, é mediada por um espanto, por um estranhamento. Isso pode ser percebido em poemas como "Os búfalos" ("Em Marajó, os búfalos/ pastam à flor da terra/ ou nos alagados do fundo./ (...) Alguns, para o espanto dos viajantes,/ não rejeitam o jugo das carroças" – CABRAL, 2006, p. 34) e "Na pousada dos Guarás" ("A ararajuba/ de sol e selva vestida/ solta-se do galho e pausa/ para espanto do turista/ na mesa onde repousa/ o lauto café da manhã" – CABRAL, 2006, p. 36). A esses poemas, seguem outros nos quais o processo de reconhecimento do animal é mediado por uma aproximação com o humano, chegando, em alguns momentos, a uma relação de amizade, como em "Bicho-de-sete-cabeças" ("à medida que envelheço/ digo: o bicho é meu amigo./ Não, não há porque maldar/ envenenando o sossego" – CABRAL, 2006, p. 29). Em outros, há um processo no qual o homem, ao perceber o animal, aproxima-o do humano, como em "Parentesco" ("Antes só conhecia o tucunaré/ da banca do mercado, ensanguentado/ ou saltitante no bojo da canoa/ abicando na

praia do Rio Negro./ (...) Passei a sentir-me sua parenta/ vendo o tucunaré super-humano" – CABRAL, 2006, p. 37) e, em outros, há uma atitude inversa, de reconhecimento do animal no humano, como em "Encontro no jardim" ("Súbito/ a revelação/ em luz se acende:/ um segredo a nos unir/ dá cabo do medo./ (...) Eu também ser de veneno./ Eu também ser inepto ao voo./ Ambas inquilinas do mesmo solo" – CABRAL, 2006, p. 53). Nesses casos, há uma aproximação que ignora a questão da racionalidade e busca, no outro, traços de similaridade. A poesia, assim, problematiza as fronteiras entre o humano e o animal, diminuindo a separação entre eles, permitindo que a jaula comece a ser aberta. No processo de abertura da jaula, as relações se invertem. Não são mais os animais que, por não compartilharem da razão humana, são inferiores, mas sim os homens que se mostram inaptos para compreendê-los: "Tal o olhasse sem enxergá-lo/ conheço-lhe o passarê/ sem jamais decifrar-lhe a voz./ Não é de hoje que me aflige/ essa terrível surdez/ a vedar-me sua mensagem./ Céus, são tantas linguagens/ que sempre me deixam à margem/ cega ao que pássaros sabem" (CABRAL, 2006, p. 69). Maciel (2016, p. 120), ao abordar esse processo de reconhecimento de que os animais possuem conhecimentos sobre o mundo, afirma que "admitir o animal como sujeito é também reconhecer que ele é dotado de saberes sobre o mundo, haja vista a inquietante complexidade da existência dos viventes não humanos".

Os poemas de Cabral tocam em pontos delicados, incomodando o leitor, obrigando-o a refletir sobre suas atitudes frente aos animais ("E homens surdos/ não ouvem o berro do boi/ conduzido ao curro/ E homens cegos/ não veem o sangue vivo/ do boi mungido quente", CABRAL, 2006, p. 57) ao mesmo tempo em que expõem ao homem sua própria animalidade. Ao aproximar esses seres, destacando a postura assumida pelos humanos, Cabral questiona a dualidade razão X natureza, indicando que a primeira está associada com a inferiorização, a dor, o sofrimento e a morte daquele que não a possui. Assim, abrir a jaula está relacionado, nos poemas, com entender a posição do outro, mostrar-se disponível a compreendê-lo, reconhecê-lo como um ser vivo e reconhecer no humano o animal. Nessa aproximação, as grades caem por terra, as separações tornam-se ínfimas e as aproximações ocorrem através do que todos têm em comum: a animalidade.

Muitos são os caminhos a serem explorados em *Jaula*. Contudo, neste texto, dedico-me a discutir, de forma pontual, o poema "Encontro no jardim", no qual uma mulher e uma serpente passam por um processo de reconhecimento. A escolha por esse poema reside no fato de ele, a meu ver, constituir-se como uma espécie de marco dentro do livro, uma vez que o processo de reconhecimento sobre o qual versa seu conteúdo aproxima o humano do animal, estabelecendo um vínculo entre eles. Os poemas que o antecedem já haviam delineado tal processo, mas é

"Encontro no jardim" aquele que o efetivará de fato. Assim, nas páginas seguintes, pretendo abordar o conteúdo desse texto literário, com o intuito de identificar quais elementos se sobressaem na construção dos significados, partindo do encontro e do reconhecimento entre o animal humano e o animal não-humano.

### Um interessante encontro

Nesta parte do texto, quero me centrar na análise do poema "Encontro no jardim", um dos textos literários mais conhecidos de Astrid Cabral. "Encontro no jardim" apresenta quarenta e três versos, divididos em quatro estrofes. A disposição dos versos na página remete à sinuosidade do corpo de uma serpente, como se essa se movesse entre a relva de um jardim em um constante vai-e-vem, ocupando todos os espaços, fazendo sua presença visível tanto pela forma como os versos encontram-se distribuídos quanto pelo conteúdo do texto:

Ondulando  
o corpo  
réptil  
sempre  
à frente  
rente  
ao solo  
graças  
à oculta  
mola  
a cobra  
ágil  
desenhava  
seu caminho  
no verde. (CABRAL, 2006, p. 52).

O poema trata do encontro entre uma mulher e uma serpente em um jardim. Esse encontro pode ser associado, inicialmente, com o encontro bíblico entre Eva e a serpente no Jardim do Éden, narrado no *Antigo Testamento*, Livro do Gênesis. Segundo o texto bíblico, Adão e Eva, os primeiros humanos a habitarem a terra, viviam em um jardim que lhes provia todo o necessário para a sua sobrevivência. Entretanto, foram expressamente proibidos por Deus de comer o fruto de uma árvore em particular. Um dia, a serpente aproximou-se de Eva e ofereceu-lhe o fruto proibido, oriundo da árvore da ciência (do conhecimento do bem e do mal). Eva compartilhou o fruto com Adão. Deus, furioso com a desobediência do casal, expulsou-os do Éden, condenando-os a uma vida de sofrimentos e dores. A serpente, no texto bíblico, é associada com a figura do demônio, acumulando sobre si diversas características negativas. Ela é o animal

que simboliza o pecado, sendo a responsável por condenar o casal a vagar em uma terra que lhes era hostil. Mas, a serpente não carrega sozinha essa culpa. Eva a partilha com ela. A figura da mulher é atrelada, no referido texto, à curiosidade e à irresponsabilidade. Se Eva não tivesse se deixado seduzir pela serpente, a história da humanidade seria outra. Adão, por sua vez, é tido como o menos culpado, pois, ingenuamente, confiou em sua companheira. Não quero discutir aqui as implicações que tal texto acarretou na história ocidental. Meu foco está na recriação deste encontro entre humano e animal no poema "Encontro no jardim".

Cabral escolheu também um jardim para promover o encontro, cujas protagonistas são, uma vez mais, uma serpente e uma mulher. Mas, de forma diferente do mito bíblico, a sabedoria, neste caso, não é ofertada através de uma fruta, mas sim através de uma troca de olhares que conduz ao reconhecimento do outro. A serpente de Cabral desliza entre a relva até o momento em que se depara com a mulher. Então, parada, ergue a parte frontal de seu corpo, elevando-se, permitindo que seus olhos se encontrem ("Olhei-a frente a frente/ sua cabeça/ erguida em talo/ eu entalada/ o colo em sobressalto" – CABRAL, 2006, p. 52). Essa troca de olhares (olhos nos olhos) coloca a mulher e a serpente na mesma posição, permitindo que ambas se observem e se confrontem. O primeiro momento do encontro promove, na mulher, inquietação, a qual logo é substituída pelo asco devido à sensação de estranhamento. Os corpos diferentes são postos em evidência: "Sensação de asco/ me percorrendo/ inteira/ tamanha a estranheza/ de cores e contornos/ postos em confronto" (CABRAL, 2006, p. 52).

Paradas, mulher e serpente, ambas fitando-se mutuamente, conseguem superar o estranhamento e encontrar algo que as conecte: o reconhecimento do compartilhamento de uma existência no mesmo tempo e lugar e de uma essência animal: "Súbito/ a revelação/ em luz se acende:/ um segredo a nos unir/ dá cabo do medo./ (...) Eu também ser de veneno./ Eu também ser inepto ao voo./ Ambas inquilinas do mesmo solo/ Ambas coincidentes no tempo" (CABRAL, 2006, p. 53). Esse reconhecimento aproxima-as, rompe com o estranhamento ("Então eu toco sem nojo/ o corpo da exótica irmã" – CABRAL, 2006, p. 53) e promove uma confrontação, a qual, através da perspectiva de Dominique Lestel (2011, p, 24), pode ser tida como esclarecedora: "A identidade do homem e a do animal se iluminam a partir de sua mútua confrontação". A proximidade pele a pele e o emprego do termo "irmã" para um ser tão distinto fisicamente aproximam a mulher e a serpente pelo que ambas compartilham: a animalidade.

Enquanto a ciência e a filosofia ocidentais assumiram o papel de diferenciar o humano do animal a partir de critérios forjados na racionalidade, a literatura, a seu modo, também sondou a alteridade animal, a qual tanto instigou a imaginação humana ao longo do tempo. A presença do animal na literatura demonstra uma necessidade não apenas de aprender algo sobre

ele, mas também de recuperar, de reconhecer, nossa própria animalidade, a qual foi recalçada ao longo dos séculos, sendo tratada como algo negativo. Se, como defende Derrida (2002), somente a poesia é capaz de desconstruir as barreiras que nossa sociedade ergueu para separar os homens dos demais animais e, de certo modo, de desfazer as grades que estruturam as jaulas, então "Encontro no jardim" traz em seu cerne uma forma de conhecimento que somente pode ser partilhada literariamente: a conexão com nossa animalidade através de um processo de autoconhecimento. Esse saber nos expulsa do lugar de destaque que assumimos ao tratar nossa forma de racionalidade como soberana em detrimento de outros seres e nos obriga ao reconhecimento do outro como um ser com o qual compartilhamos o ato de estar no mundo e a sabedoria que construímos através de nossa existência. Astrid Cabral tenta solucionar o descompasso existente entre homem e animal, produzido ao longo da história, desconstruindo certos edifícios discursivos enquanto desenvolve um trabalho de reordenação/ recriação, através da modificação do paradigma do olhar poético, promovendo a aproximação desses seres.

É possível reconhecer um diálogo do poema de Cabral com *O animal que logo sou* (*A seguir*), de Jacques Derrida, não apenas porque o filósofo exalta a poesia como forma de apreensão da animalidade no homem, mas também porque, neste texto, delinea-se um encontro entre humano (Derrida) e animal (um gato) promovido através do olhar. Derrida inicia o texto com alguns questionamentos:

Há muito tempo, pode-se dizer que o animal nos olha?  
Que animal? O outro.  
Frequentemente me pergunto, para ver, *quem sou eu* – e quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal, por exemplo os olhos de um gato, tenho dificuldade, sim, dificuldade, de vencer o incômodo.  
Por que essa dificuldade?  
Tenho dificuldade de reprimir um movimento de pudor. Dificuldade em calar em mim um protesto contra a indecência. Contra o mal-estar que pode haver em encontrar-se nu, o sexo oposto, nu diante de um gato que nos observa sem se mexer, apenas para ver. (DERRIDA, 2002, p. 15)

Quem é esse outro a quem ele se refere? É um outro ser vivente, humano ou animal que compartilha com ele o ato de estar no mundo e a essência de estar vivo. Mas, se ambos, autor e animal, compartilham, em essência, de uma animalidade, por que o desconforto no momento em que o filósofo se viu nu diante do olhar de seu gato? Porque é nesse momento que o filósofo se reconheceu como animal frente ao olhar de outro animal, sentindo-se constrangido em sentir vergonha de sua nudez: "Mal-estar de um tal animal nu diante de outro animal" (DERRIDA, 2002, p. 16); "Vergonha de quê e diante de quem? Vergonha de estar nu como um animal" (DERRIDA, 2002, p. 17), afinal, como ele mesmo aponta, "em princípio, excetuando-

se o homem, nenhum animal jamais imaginou se vestir" (DERRIDA, 2002, p. 17). Saber-se observado, faz com que ele se dê conta de que este outro (o gato) é ciente de sua existência (do filósofo) enquanto um ser que vive no mesmo espaço. Essa troca de olhares é o que promove o reconhecimento, o questionamento, a confrontação, pois Derrida percebe que esse outro animal o observa, o analisa: é um processo mútuo de percepção desencadeado através do olhar. Vale destacar que, para que a troca de olhares ocorra, é necessária uma proximidade corporal (o que nem sempre acontece num zoológico), possibilitando uma tomada de consciência do outro: há um traspasse de fronteiras, permitindo que o humano se reconheça no outro animal. É a mesma troca de olhares que ocorre em "Encontro no jardim". Embora os sentimentos vivenciados pelo filósofo não sejam os vivenciados pela mulher ao se deparar com a serpente, ambos os encontros promovem um processo de reconhecimento de suas próprias animalidades através da troca de olhares.

Quero destacar a importância da escolha do olhar como recurso para proporcionar o reconhecimento. Maciel (2016, p. 98), ao tratar da dificuldade humana em compreender e abordar o animal, aponta a ausência de uma linguagem compartilhada como a responsável pelo afastamento: "Todo animal – tomado em sua singularidade – sempre escapa às tentativas humanas de apreendê-lo, visto que entre ele e os humanos predomina a ausência de uma linguagem comum, ausência esta que instaura uma distância mútua e uma radical diferença de um em relação ao outro". Ela refere-se a uma forma de expressão verbal que, ao não ser comum para homens e animais, dificulta a compreensão entre esses seres. Em "Encontro no jardim", serpente e mulher não possuem a mesma linguagem, mas ambas compartilham o estar no mundo e o fato de serem seres que nele atuam, o que vem a ser mais forte que qualquer expressão verbal. Não há um discurso racional lógico. Há uma sensação. O conhecimento proveniente da troca de olhares manifesta-se pelos sentidos e, embora não permita nem à mulher conhecer e/ou acessar a identidade da serpente nem ao filósofo fazer o mesmo com seu gato, oferta a oportunidade do autoconhecimento aos seres humanos que o vivenciaram.

Um dos pontos mais relevantes do poema "Encontro no jardim", e talvez sua grande chave de leitura, reside no fato de ele ter sido capaz de promover a criação de um espaço no qual o ato de sentir é o que produz conhecimento. Através do reconhecimento de um outro ser vivo, o qual não é humano, da percepção desse outro como um ser pleno de vida, da correspondência eu-outro na qual ambos partilham de um sentimento, de uma sensação, ocorre um encontro que transcende a racionalidade humana. Há um texto de Derrida (2003, p. 08), intitulado de "Ches cos'è la poesia?", no qual ele afirma: "Chamo poema àquilo que ensina o coração, que inventa o coração, enfim aquilo que a palavra coração parece querer dizer e que na minha

língua mal distingo da palavra coração". Nessa sentença, Derrida atrela a poesia à capacidade de alcançar sentidos e sentimentos que não são racionalizáveis, de ir além do raciocínio lógico. "Encontro no jardim" faz isso. Através de uma troca de olhares ocorre a aceitação do outro, desconstruindo a representação animal estruturada a partir do pecado, do estranho, do desconhecido, do inferior, promovendo uma aproximação entre o que é considerado culturalmente como pertencente ao humano e o que é concernente ao mundo natural. Já não há jaulas, há apenas o que o eu lírico chama de "irmãs": seres unidos pela essência da animalidade, pela existência no mesmo tempo e espaço.

### Considerações finais

Nesse estudo, ao selecionar *Jaula* como objeto de discussão, deparei-me com poemas que realizam um movimento de evolução ao longo do livro, indo desde uma tradição literária que se valia de metáforas para associar humanos e animais até o reconhecimento, por parte dos eu-líricos, de suas próprias animalidades irmanando-se com outros seres, pois, conforme afirma Lestel (2011, p. 40), "o animal não habita apenas as casas, os quintais ou os campos do homem; ele povoa seu espírito e sua imaginação, seus medos e suas crenças". Esse processo de escrita nos permite indagar: ao se isolar do convívio com outros animais, não teria o homem construído uma jaula para si próprio, distanciando-se dos demais animais por orgulho e arrogância?

Se considerarmos os argumentos empregados por Montaigne, no ensaio "Apologia de Raymond Sebond", para questionar a forma como o homem se relaciona com os demais animais, atribuindo a estes características e capacidades que considera adequadas, podemos pensar que quem está efetivamente enjaulado é o homem: preso em sua arrogância, em sua insensibilidade e em seu orgulho. Sob esse prisma, o ser humano encarcerou-se em uma jaula por ele mesmo construída no momento em que tomou a sua racionalidade para forjar uma superioridade frente aos animais, considerando-se em uma posição que lhe permite dispor dos destinos e das existências de outros. Assim, *Jaula* pode ser percebido como um livro que derruba as barreiras que o próprio homem criou para distanciar-se dos demais seres. O reconhecimento que ocorre entre o eu-lírico e a serpente, em "Encontro no jardim", é um exemplo dessa libertação da jaula: a mulher ao deparar-se com o animal, inicialmente, vê-se espantada, depois vivencia o asco, para, por fim, experimentar a sensação de cumplicidade, de irmandade. O espanto e o asco poderiam conduzir ao movimento de afastar-se do animal. Porém, através da troca de olhares, o eu-lírico reconhece a serpente como um ser em igual situação, habitando o mesmo espaço, existindo no mesmo tempo. Isso desconstrói qualquer argumento que as separe,

levando a mulher a sair da jaula.

Essa forma de escrita, que pode ser verificada ao longo dos poemas do livro analisado, contém uma sutileza e uma delicadeza que são particulares à Astrid Cabral. Sua forma de abordar a natureza e os seres que a constituem envolve uma inversão na forma como estes são olhados. Os animais são postos em evidência. Suas interações com os humanos são permeadas de atitudes de aceitação do outro. Há uma disponibilidade dos eu-líricos para o estabelecimento do contato. Cabral converteu, em *Jaula*, o que foi tido, historicamente, como externo, como alheio, em familiar e próximo, promovendo um reconhecimento da animalidade presente no humano, aceitando as diferenças entre os seres, mas, principalmente, exaltando suas similaridades, afinal, "o bicho é meu amigo" (CABRAL, 2006, p. 29)

## Referências

- CABRAL, A. *Jaula*. Rio de Janeiro: Editora da Palavra, 2006.
- DERRIDA, J. *Che Cos'è la poesia?* Tradução de Osvaldo Manuel Silvestre. Lisboa: Ângelus Novus, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O animal que logo sou (A seguir)*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- LESTEL, D. A animalidade, o humano e as "comunidades híbridas". In: MACIEL, M. E. (Org.) *Pensar/ escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 23-53
- MACIEL, M. E. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2016.
- MONTAIGNE, M. de. Apologia de Raymond Sebond. In: \_\_\_\_\_. *Os Ensaíos: Livro II*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 157-407
- PAZ, O. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Recebido em: 03/12/2018.

Aceito em: 03/05/2019.